



Xurxo Souto: “Considero o binormativismo umha proposta luminosa e inteligente”

1 de Julho de 2021

<https://pgl.gal/xurxo-souto-considero-o-binormativismo-umha-proposta-luminosa-e-inteligente/>

Neste ano 2021 há 40 anos que o galego passou a ser considerada língua co-oficial na Galiza, passando a ter um estatuto legal que permitiria sair dos espaços informais e íntimos aos que fora relegada pola ditadura franquista. Para analisar este período, estamos a realizar ao longo de todo o ano, umha série de entrevistas a diferentes agentes sociais para darem-nos a sua avaliação a respeito do processo, e também abrir possíveis novas vias de intervenção de cara o futuro.

Desta volta entrevistamos o escritor, músico, locutor e diplomático de Monte Alto, Xurxo Souto.

Qual foi a melhor iniciativa nestes quarenta anos para melhorar o status do galego?

A incorporação do galego ao ensino, e a criação de meios de comunicação públicos -rádio e televisão- que tenham o galego como língua veicular.

Se pudesses recuar no tempo, que mudarias para que a situação na atualidade fosse melhor?

Em primeiro lugar, recuperar todo o trabalho que se tinha desenvolvido a prol da língua antes da Guerra Civil, e que se ignorou dum jeito absolutamente interessado. Falamos dum grande esforço intelectual –com epicentro, por dizê-lo rápido, na Geração Nós– que procurou a criação dum registo culto para a língua, e que tinha como referente necessário outro registo culto do nosso idioma, ou seja o português.

Em lugar disso (isto é, a tradição e o trabalho que representava, como figura central, Ricardo Carvalho Calero) optou-se por recorrer diretamente à fala. Oficializou-se a norma do castelhano como norma do galego, ignorando, insisto, toda a história da língua.

Este foi o grande erro: a supeditação do galego ao castelhano. A partir de aqui mudaria as sucessivas políticas linguísticas que foi desenvolvendo o Partido Popular. Esta formação nunha acreditou, ou não lhe interessou, que o galego chegasse a se consolidar como umha língua culta. Sempre defendeu (refiro-me aos factos, não ao discurso) umha posição de dependência a respeito do castelhano. E também derrubaram muitas conquistas alcançadas anteriormente, e atreveram-se a situar o galego no ensino –via mandato legal– diretamente como umha língua

de segunda. Falo da proibição expressa de utilizar o galego em determinadas matérias, como as matemáticas. Tal política nefasta para a língua continua.

Os meios públicos, a Rádio e a Televisom que deveriam ser o referente dum registo culto do galego oral, renunciaram definitivamente a esse mandato. Cada vez em mais programas da sua grelha escutamos um galego popular inchado de castelhanismos. Esse é o seu modelo de língua. A leitura profunda é evidente: Nom precisamos dum galego culto, para esse tipo de contextos já temos o referente dumha língua culta: o castelhano.

Que haveria que mudar a partir de agora para tentar minimizar e reverter a perda de falantes?

Acho que já respondim na pergunta anterior. Políticas linguísticas decididas que ponham em valor a língua, e que esta abranja todo o tipo de registos. Cada vez a gente nova fala menos galego, sabemo-lo. Mas ao mesmo tempo é o segmento da população que mais valoriza a língua. O problema nom está pois na mocidade, está na preguiça das pessoas adultas que aceitam com indolência estas políticas galeguicidas.

Achas que seria possível que a nossa língua tivesse duas normas oficiais, uma similar à atual e outra ligada com as suas variedades internacionais?

Considero-a umha proposta especialmente luminosa e inteligente. Por desgraza a possibilidade dum achegamento entre a posição isolacionista e a reintegracionista é mui pequena. Sobretudo porque o debate intelectual está mediatizado polo poder político que atualmente nos governa, e que apoia dum jeito decidido a primeira das posições. Portanto o que procede, já que devemos conhecer essa norma por “imperativo legal”, é que podamos chegar a dominar também a norma do galego internacional, isto é, a norma portuguesa.